

MAFALDA, DE QUINO, E A QUESTÃO DO FEMINISMO

Esther Azélio Conche (UEMS)

esther_conche@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@hotmail.com

1. Introdução

As histórias em quadrinhos hoje estão presentes tanto nos lares como também nas escolas e constitui-se em um rico material para se trabalhar leitura e escrita em sala de aula tendo em vista que constitui-se em uma leitura prazerosa que encanta as crianças.

Entretanto é imprescindível que o educador possua um olhar crítico sobre esse material antes levá-lo para a sala de aula, pois ao mesmo tempo em que proporciona entretenimento, pode também provocar alienação já que muitos deles trazem embutido ideologias.

Neste estudo a ênfase é dada as histórias em quadrinhos da personagem Mafalda, criada pelo desenhista Quino, um dos mais importantes humoristas Argentinos no ano de 1962.

Mafalda tornou-se famosa pelo seu posicionamento contestador e seus pensamentos avançados para a sua idade e para a época em que vive – anos 60 – já que trata-se de uma criança de apenas 6 anos de idade. A insatisfação é uma característica marcante, ela está sempre questionando sua família, o estado, a sociedade e a política.

O feminismo nas tiras da Mafalda é apresentado através do seu comportamento inovador para uma “mulher” na década de 60, pois ela era uma menina que ousava a levantar a sua voz e questionar tudo a sua volta.

A sua relação com seu pai e sua mãe é de uma criança incomum, pois no período em que ela vivia criança não tinha voz e nem a liberdade de questionar as autoridades familiares.

Inicialmente esse estudo apresenta alguns conceitos e tipos de ideologias, posteriormente aborda sobre a questão do feminismo e apresenta um breve histórico das histórias em quadrinhos e ideologia presente nos mesmos e finalizando apresenta uma análise crítica de três tiras da Mafalda.

2. Ideologia

2.1. Conceito

Toda forma de comunicação, como expressões, imagens, mensagens, frases, dentre outras seriam inofensivas se não viessem cheias de ideologias com o intuito de promover interesses da minoria que discrimina a maioria, necessariamente os mais desprivilegiados.

Segundo Roso et al. (2002) é que a 'ideologia' não é um tipo especial de mensagem, como alguns podem supor, porém o que ela tem de diferente é carga semântica nela embutida, por isso é que a mesma pode estar presente qualquer tipo de mensagem, até mesmo no discurso científico. Basta uma leitura mais atenta e se perceberá em qualquer material de comunicação social a presença da ideologia presente.

Marx e Engels (*apud* RAFFAELLI, 1994) conceituam ideologia como uma falsa consciência que se opõe ao verdadeiro conhecimento da realidade. Já para Gramsci (*apud* RAFFAELLI, 1994, p. 55) ela não se limita apenas em encobrir a realidade mas "permite o aparecimento de regras de conduta e comportamentos capazes de mudança e está presente em todas as manifestações da vida individual e coletiva".

Para Bressan (1989, p. 340) "ideologia pode ser concebida como um conjunto de ideias, crenças, valores e aspirações de um grupo ou classe que mobilizam (e constituem) sob dadas condições de existência, indicando o que fazer, como fazer e porque fazer."

A ideologia dominante apresenta superioridade e materializa-se em instituições (família, escola, igrejas, Estado, etc.) e práticas sociais inculcando-se em cada indivíduo. Assim, acaba-se homogeneizando pensamento e ação e o interesse de uma determinada classe – normalmente a classe dominante – passa a ser o interesse de todas as demais classes. (RAFFAELLI, 1994).

Para o autor referenciado o principal aparelho ideológico existente é o Estado responsável pela supremacia política e cultural das classes dominantes e a indústria cultural de massa ocupa um lugar privilegiado.

De acordo com Roso et al. (2002) pode-se compreender a ideologia como um sistema de regras semânticas, portanto, somente é possível percebê-la quando se fizer o desembaraçamento de tais regras. Além disso, ela não está presente apenas no conteúdo da mensagem mas também na forma como é ela é dita.

Para Fiorin (2008) os discursos semânticos assimilados individualmente pelo homem ao longo de sua educação constituem a consciência e por conseguinte sua maneira de pensar o mundo, por isso certos temas são recorrentes na maioria dos discursos. Para o autor a semântica discursiva é campo da determinação ideológica e pode ser tanto consciente como inconsciente.

2.2. Tipos

Procurando sistematizar as ideologias autores costumam dividi-las em distintos tipos: Therborn (2013) apresenta quatro tipos: ideologias inclusivo-existenciais, inclusivo-históricas, posicional-existenciais e posicional-históricas.

As *ideologias inclusivo-existenciais* versam sobre aspectos que estão diretamente relacionados a existência humana ai envolve tanto a vida como a morte, o sofrimento, a alegria, bem como a ordem natural das coisas. Therborn (2013) ensina que os tipos mais comuns de discurso que tratam sobre esse tipo de ideologias são os mitológicos, religiosos e moralistas.

Verificam-se as *ideologias inclusivo-históricas* nos discursos que tratam dos seres humanos enquanto seres históricos que faz parte de um mundo social histórico, composto de distintos grupos onde as pessoas se inter relacionam, como, por exemplo, as tribos, vilas, etnias, Estado, nação, igreja.

Segundo o autor supracitado as ideologias inclusivas além de definirem o pertencimento das pessoas em determinado grupo social também promovem a exclusão, posto que se o indivíduo não pertence a um desses grupos mencionados automaticamente será excluído dos demais grupos, sob diferentes pretextos.

As *ideologias posicional-existenciais* tratam sobre o indivíduo e a posição que ele ocupa no mundo enquanto ser humano e que o distingue dos demais como em relação ao gênero, ciclo de vida, que vai da infância à velhice. Ela procura deixar claro ao sujeito o que ele é e os aspectos que o diferenciam dos demais, o que é bom e possível para ele. (THERBORN, 2013)

Ideologias posicional-históricas constituem os componentes de uma família, sua estrutura e linhagens, uma determinada região geográfica

ca e seus habitantes, os distintos estilos de vida, as diferentes profissões e status educacional particular, as posições de poder e de segregação, bem como os membros de diferentes classes. (THERBORN, 2013)

Importante salientar que os autores dividem as ideologias por mera sistematização, entretanto, deve-se ficar claro que elas não aparecem na linguagem cotidiana da maneira concreta como foram apresentadas, pois elas podem aparecer isoladamente no discurso assim como pode estar presentes em um mesmo discurso as quatro formas de ideologias apresentadas. O que Therborn (2013) quer enfatizar é que uma ideologia religiosa, não é apenas uma ideologia inclusiva existencial, tendo em vista que em comunidades multirreligiosas ela aparece também como ideologia histórico-posicional.

3. A questão do feminismo

Para abordar sobre o feminismo é imprescindível discutir inicialmente sobre a submissão feminina, pois a luta das mulheres iniciou visando acabar com a vida de opressão que perdurou durante séculos e que ainda se mantém atualmente mas de forma menos acentuada.

Segundo Rago (2004) na época colonial às mulheres viviam no mundo privado, portanto, excluídas da vida pública, assim como os escravos.

Enquanto perdurou o regime patriarcal, o homem procurava sempre diferenciar-se da mulher tanto que ela era considerada um sexo frágil – imagem que ainda vigora no contexto atual só que com menos intensidade. Essa era uma das formas que utilizava para demonstrar a sua superioridade sobre a mesma. (FREYRE, 1997).

Prado Júnior (1996, p. 32) complementando as idéias expressas acrescenta que “a situação da mulher na época colonial era de extrema opressão. Somente moças que possuíam dote conseguiam se casar.” Mesmo casada a situação da mulher era de submissão, ela deixava de obedecer aos pais para obedecer ao esposo.

A mulher estava destinada ao casamento, raramente saíam à rua e, quando o faziam, iam apenas à igreja e ainda acompanhadas. A única possibilidade disponível para fugir do domínio do pai ou do marido era a reclusão em um convento, caminho seguido por muitas (SAFFIOTI, 1969).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A educação na época colonial não era valorizada. Assim, a instrução já era raridade até para os homens, apenas alguns que iriam seguir a carreira religiosa, para as mulheres nem se cogitava o acesso à mesma.

A condição feminina foi aos pouco se modificando a partir da chegada da família real no Brasil no final de 1807, que trouxe muitos costumes que até então não se via no país, apesar de que muitos outros ainda permaneceram cristalizados (SAFFIOTI, 1969).

Acrescenta a autora que o processo de urbanização também contribuiu para tal mudança, pois a partir de então a mulher começou a frequentar festas, teatros, possibilitando um aumento em seus contatos sociais.

Entretanto, foi apenas no final do século XIX que a mulher sai da domesticidade e começa aos poucos se integrar na sociedade. As primeiras profissões que aparecem são as de professora e escritora. As poucas conquistas das mulheres não foram suficientes para as tornarem mais livres. O que se percebia ainda era certa sacralização da mulher que, embora dançasse nos bailes de máscara, pouco falava, pouco fazia para libertar-se da opressão masculina, tendo ainda que permanecer virgem até o casamento. Assim, o processo de urbanização apresenta a sociedade uma mulher burguesa, não menos subserviente que a senhora de engenho, porém, mais culta.

A urbanização, que se acelerou na segunda metade do XIX, e a industrialização grandemente impulsionada nos anos de 30 do século XX afetou a organização da família brasileira. Esses dois processos alteraram as dimensões da vida da mulher, uma vez que ela teve seus papéis no mundo econômico modificados. As mulheres saíram progressivamente da reclusão no lar para trabalhar em fábricas, lojas e escritórios.

A partir de então não menos discriminada a mulher sai para o mercado de trabalho e passa a contribuir com a manutenção financeira do lar e em muitos casos como a única provedora do mesmo. As conquistas foram aos pouco se materializando. Assim, as mulheres passaram a fazer parte da vida social, econômica e política do país. Entretanto, sofrendo todo tipo de discriminação e exposta as mais diferentes formas de violência, muitas vezes com a conivência da própria sociedade que tem cristalizado a ideia de que a mulher deve ser submissa ao homem em todos os aspectos. (SAFFIOTI, 1969)

Muitas mulheres inconformadas com tal situação, já na segunda

metade do século XIX lideram o “movimento feminista”, um movimento coletivo de luta das mulheres. A luta encabeçada pelas mesmas, parte do reconhecimento de que as mulheres são extremamente oprimidas dentro da sociedade e que essa condição não encontra-se inscrita na natureza, assim existe a possibilidade de transformação (SOARES, 2004, p. 168).

A autora esclarece ainda que a luta pela igualdade entre homens e mulheres teve início no século XIX e marcou a discussão sobre a democracia durante todo o século XX, provocando avanços importantes no cenário social, político e cultural não só no Brasil, mas em todo o mundo.

Segundo Soares (2004), no Brasil o movimento feminista ressurgiu em meados de 1970 com diferentes características dos movimentos feministas surgidos na Europa e nos Estados Unidos nos anos de 1960.

Tratava-se basicamente de um movimento que questionou o papel da mulher na família, no trabalho e na sociedade, lutou por uma transformação nas relações humanas e pela extinção das relações baseadas na discriminação social e de gênero, e agregou a dimensão de raça/cor de pele para uma maior compreensão da situação das mulheres (SOARES, 2004, p. 170).

A reivindicação do movimento feminista brasileiro ia além da esfera doméstica. A mulher luta por um novo papel dentro da família, pela maior participação no mercado de trabalho sem sofrer discriminação e ainda deu ênfase às mulheres negras que sofrem duplamente a discriminação em nosso país, ou seja, ela é discriminada por ser mulher e ainda pela condição de sua cor.

De acordo com Soares (2004), nos anos de 1970 e 1980 os movimentos das mulheres alcançaram saldos positivos com inúmeras conquistas que marcaram a história. Primeiramente, fizeram surgir inúmeros movimentos sociais nesta mesma década como os movimentos jovens, negros, mulheres, homossexuais, índios, ecologia, dentre outros e também criou novos direitos que apareceram na Constituição de 1988. Foram ainda criados espaços próprios de reflexão e ação em prol dos direitos das mulheres e ainda desempenhou papel relevante no processo de democratização no sentido de ampliação e da consolidação dos direitos humanos, compreendidos como direitos políticos, sociais e econômicos.

O fato é que hoje já existe uma maior receptividade em relação à mulher e o mercado de trabalho, no entanto, de acordo Souza e Francisco (2004) esta receptividade ao gênero feminino deve ser analisada com cautela, pois apesar do acesso ao mercado de trabalho, as mulheres ainda sofrem discriminações no ambiente organizacional, não são todos os car-

gos e funções que podem ser ocupadas por elas.

4. *Quadrinhos*

4.1. Breve histórico sobre os quadrinhos

As histórias em quadrinhos datam do início do século XX quando começou-se a buscar novos meios de comunicação e expressão gráfica e visual, explica Dutra (2007). Meio de comunicação que se desenvolveu significativamente após o advento da tecnologia e dos novos meios de impressão.

A literatura trás como precursores das histórias em quadrinhos o suíço Rudolph Töpffer, o alemão Wilhelm Bush, o francês Georges ("Christophe") Colomb, e o brasileiro Angelo Agostini. Entretanto, alguns autores atribuem a criação das histórias em quadrinhos a Richard Fenton Outcalt, *The Yellow Kid* em 1896. Isso porque esse autor reorganizou tudo o que havia sido criado até então introduzindo o balão, onde são colocadas as falas das personagens. (DUTRA, 2007).

Inicialmente as histórias em quadrinhos eram basicamente humorísticas e os temas estavam relacionados as travessuras de crianças e bichinhos.

No final da década de 30, mas precisamente em 1933 surgem os super heróis, com destaque para o *Superman* de Siegel and Shuster que possuía identidade secreta. Revista que somente chegou às bancas em 1938. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, deflagrada os quadrinhos logo despertaram interesses políticos, surgindo um novo herói em quadrinhos "O homem de aço" que se tornou alvo de polêmicas.

A partir de então as histórias em quadrinhos deixaram de ser vistas apenas como forma de entretenimento com temas infantis e passou a ser carregadas de ideologia, tanto que pessoas da esquerda em todo o mundo viam no *superman* o símbolo do imperialismo norte-americano e, por outro lado o Partido Republicano viam no personagem a simbolização nazista.

Entre os anos de 1940 até 1945 foram criados aproximadamente quatrocentos super heróis mas nem todos caíram no gosto de público e logo deixaram de existir. Além de Superman outros heróis em quadrinhos que se destacaram foram *Batman*, criado em 1939 por Bob Kane, e o Capitão Marvel, de C. C. Beck, Capitão América, de Jack Kirby e Joe

Simon. No auge da Segunda Guerra Mundial muitos dos heróis em quadrinhos se tornaram armas ideológicas utilizadas para elevar o moral dos soldados e do povo. (DUTRA, 2007)

De acordo com Dutra (2007) a grande crítica às histórias em quadrinhos aconteceu na década de 1950, quando o psiquiatra Frederic Wertham em sua obra “A Sedução do Inocente” (*The Seduction of the Innocent*), acusou os quadrinhos de corrupção e delinquência juvenis. Dentre suas críticas estavam as ideias sadomasoquistas da Mulher Maravilha e a homossexualidade de Batman & Robin. Além disso, Wertham, afirmou em seu livro que os quadrinhos estimulavam a juventude à violência.

Para Dutra (2007) uma renovação nas histórias em quadrinhos aconteceu na década de 1960 com o surgimento do quarteto fantástico e a retomada dos heróis clássicos como Superman, Mulher-Maravilha, Batman, Aquaman, entre outros. O Quarteto Fantástico personificava a nova era espacial, em que seus heróis estavam dispostos a arriscar tudo, inclusive a própria vida, e enfrentar a ameaça vermelha.

Nesta mesma década, motivados pelo sucesso crescente das histórias em quadrinhos novos quadrinistas como Steve Ditko, Don Heck, Gene Colan, John Buscema e John Romita, começam a se destacar e criar personagens que se destacaram e caíram no gosto do público e estão em destaque até os dias de hoje. Dentre os mais conhecidos estão Homem Aranha, Hulk, Thor, Homem de ferro, *X-men*, entre outros.

Nos anos 80, os americanos criaram a “*graphic novel*” (ou romance gráfico) direcionado para o público adulto. O grande destaque e carro chefe dessa nova linha foi à história de um *Batman* sombrio, amargurado e violento, o cavaleiro das trevas de Frank Miller decretava a maioridade no mundo dos super-heróis.

Violência, insanidade, sensualidade e dúvidas existenciais passaram a habitar os quadrinhos, vindo dentre estas obras *Elektra* Assassina de Frank Miller, *Watchmen* de David Gibbons e Alan Moore, *Sandman* de Neil Gaiman entre outros.

A partir da década de 90 surgem dois marcos para as histórias em quadrinhos: a primeira, a colorização computadorizada e a influência dos Mangás (quadrinhos japoneses) na caracterização dos personagens.

Porém, após o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 as duas torres gêmeas dos EUA afetou o mercado de quadrinhos americano que

decidiram fazer um resgate ao estilo da arte dos pioneiros dos quadrinhos da Era de Prata e da década de 80. Não só a arte dos quadrinhos, mas também os roteiristas e editores decidiram fazer esse resgate também das origens dos personagens.

É fato que nos EUA bem como em outros países devido ao avanço tecnológico do cinema serviu para realizar adaptações desses super-heróis, como exemplo, pode-se citar Constatine das histórias de quadrinhos de *Hellblazer*, *Hellboy* de Mike Mignola, e Homemaranha, Hulk, *Superman*, *Batman*, Demolidor, Elektra, Liga Extraordinária, Do Inferno, V de Vingança, Estrada para Perdição, Quarteto Fantástico, *Spawn*, *X-men* que se firmam, expandem e propagam ainda mais esse meio de comunicação de massa.

4.2. Quadrinhos e ideologia

As histórias em quadrinhos além de promover o entretenimento também cumpre o papel como transmissoras de ideologias, visto que apresentam uma estreita relação com as questões sociais.

As histórias em quadrinhos faz parte do material pedagógico do educador, utilizadas principalmente nas séries iniciais com o intuito de desenvolver a leitura e a escrita. Entretanto, Aranha e Martins (2000) lembram que deve haver sempre por parte do educador reflexão sobre a ambiguidade presente nas histórias em quadrinhos, pois ao mesmo tempo que pode servir e desenvolver o senso crítico também pode provocar a alienação. É importante que antes de levar esse material para sala de aula o educador faça uma leitura crítica e uma análise das ideologias presentes e trabalhar as mesmas em sala de aula, despertando na criança o senso crítico.

Contrapondo as histórias em quadrinhos que trabalham em prol da alienação da massa tem-se aquelas que tecem críticas em relação a ordem social vigente. Como exemplo, pode-se citar as tiras da Mafalda que apresenta personagens da sociedade sem mascarar nenhum deles, como Manolito que acredita no valor do dinheiro, Felipe, o garoto tranquilo e sonhador, Susanita que sonha em formar uma excelente família, ser boa mãe e dona de casa, atua de certa forma como uma antifeminista; os pais de Mafalda, representando o casal da sociedade moderna, com seus problemas diários, trabalhos, contas a pagar com certa dificuldade e a Mafalda, criança contestadora que não se conforma com as condições im-

postas pela sociedade e que vive a questionar os pais.

5. O feminismo em Mafalda

Para Silva (2012) o comportamento de Mafalda está estritamente relacionado com o momento em que ela foi criada, na década de 1960. Momento que se verifica grande mobilização das mulheres por mais liberdade, igualdade e realização pessoal e profissional.

Assim muitas de suas tiras apresenta o seu inconformismo com a vida que sua mãe leva de esposa e mãe dedicada, que se preocupa basicamente com os afazeres domésticos, como se pode verificar nas tiras a seguir.

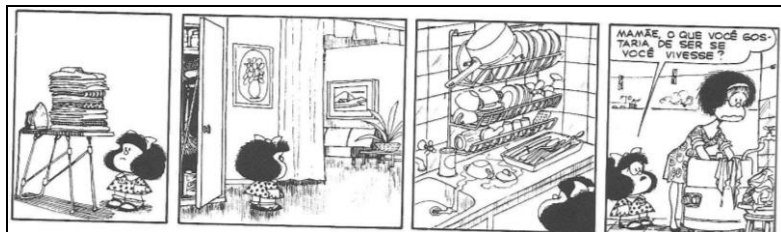
Tira 1



Na tira 1 verifica-se inicialmente que Mafalda parece estar sensibilizada com a preocupação da mãe já que o dia seguinte ela terá que ir para o jardim de infância e vai até junto a mesma acalmá-la. Entretanto, a forma encontrada por ela para fazer isso demonstra o seu inconformismo com a condição de sua mãe de dona de casa. Deixando claro para a mãe que não precisa se preocupar com o seu primeiro dia de aula, pois isso será prazeroso para ela, já que ela pensa em estudar muito para não ser uma dona de casa assim como sua mãe medíocre.

Mafalda deixa evidente na tira 1 que uma mulher na sociedade atual que se mantém apenas como dona de casa é uma mulher desvalorizada, frustrada e infeliz, ao mesmo tempo mostra a importância do estudo para as mulheres que desejam ser independentes.

Tira 2



A cena de uma pilha de roupas passada, da grande quantidade de louça lavada e da mãe de Mafalda no tanque lavando roupa demonstra que a mesma é uma dona de casa tradicional, que vive em função dos afazeres domésticos. E esse é o questionamento da Mafalda que não entende a vida que a mãe escolheu pois para ela isso não é vida!

Para Mafalda viver abrange muito mais que passar, lavar e cozinhar, e a mulher que se limita a isso está perdendo grande parte de sua vida, que poderia estar estudando, trabalhando, se ascendendo socialmente.

Quando Mafalda questiona o que a mãe queria ser se ela vivesse ela está se referindo a posição que muitas mulheres ainda ocupam dentro da sociedade, apesar do progresso em todas as áreas e das grandes conquistas femininas. Para Mafalda viver é preciso e isso só será possível quando a mulher questionar mais e mais seu papel e sua condição dentro da sociedade.

Tira 3



Nessa tira, Mafalda questiona o trabalho doméstico e a condição da mulher na sociedade. Fica evidente ainda na tira que muitas mulheres contribuem para que essa situação perpetue quando afirmam que as mulheres foram feitas para desempenhar as tarefas domésticas.

Para Mafalda, a mulher nunca desempenhou de fato o seu papel dentro da sociedade, que vai muito além dos afazeres domésticos. E esta condição assumida pelas mulheres que a colocam em uma posição inferior ao homem.

O trabalho doméstico constitui-se em um limitador da emancipação feminina, já que impede a mulher de vislumbrar novas perspectivas de vida.

6. Conclusão

Dos resultados encontrados por meio do estudo realizado percebe-se que as histórias em quadrinhos tem desempenhado durante todos esses anos tanto o papel de entretenimento como também de transmissora de ideologias, principalmente aquelas que reproduzem os ideais difundidos pela minoria e tendem a perpetuar a divisão de classes.

Verificou-se também com o estudo que as histórias em quadrinhos são amplamente utilizadas pelos educadores, principalmente nos anos iniciais como ferramenta importante para o processo de alfabetização. Dessa forma torna-se imprescindível que o educador tenha um olhar crítico sobre esse material para que não o torne um instrumento de alienação dos educandos.

Constatou-se também que assim como existem histórias em quadrinhos que propagam ideologias que levam a alienação também têm as que despertam o senso crítico já que trazem conteúdos voltados para a realidade social, como é o caso das tirinhas da Mafalda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

AZEVEDO, Maria Amélia. *Mulheres espancadas: a violência denunciada*. São Paulo: Cortez, 1985.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BRESSAN, Matheus. Publicidade e ideologia: notas para debate. *Cad. Dif. Tecsol.* Brasília 6 (2/3) 339-345, mai/dez, 1989.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. Rev. e atual. São Paulo: Ática, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio/INL, 1977.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 24. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

QUINO. *Toda a Mafalda*. Trad.: Andréa Stahel M. da Silva et. al. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RAGO, Margareth *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho; BUENO, Sandra M. Nora. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. *Psicologia & Sociedade*; v. 14, n. 2, p. 74-94; jul./dez.2002.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes/INL, 1969.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, província cisplatina e missões do Paraguai*. Trad.: Rubens Borba de Moraes. (Biblioteca Histórica Brasileira, 2). São Paulo: Martins, 1945.

SOARES, Vera. O feminismo e o machismo na percepção das mulheres brasileiras. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁNA, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. *Mulher brasileira nos espaços público e privado*. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA, Maria José Scassiotti de; FRANCISCO, Flaviana. A mulher no mercado de trabalho: um estudo de caso nas indústrias de Poços de Caldas (MG). *Gestão e conhecimento* v.1, n.1, art. 2, mar./jun. 2004.

THERBORN, Goran. *A formação ideológica dos sujeitos humanos*. Disponível em:

<http://www.pucsp.br/neils/downloads/v1_artigo_therborn.pdf>. Acesso em: 09-03-2013.